

USINAS HIDRELÉTRICAS: IMPACTO SÓCIO-AMBIENTAL E DESAGREGAÇÃO DE COMUNIDADES

Mieceslau Kudlavicz – Curso de Geografia – CPTL/UFMS
miecesla@ibest.com.br

O presente texto faz uma abordagem dos impactos sócio-ambientais produzidos pelo processo de construção da Hidrelétrica Sérgio Motta em relação a comunidade ribeirinha do Porto João André, no município de Brasilândia – MS.

A referida hidrelétrica foi projetada e executada, grande parte dela, durante o regime da ditadura militar. Uma obra que durante 20 anos trouxe insegurança e incerteza ao futuro dos ribeirinhos que ali haviam fixado residência desenvolvendo uma gama de atividades econômicas de subsistência. São famílias de agricultores, pescadores, oleiros artesanais, pecuaristas, capturadores de isca e assalariados.

A partir dos depoimentos das pessoas impactadas identificarmos o conflito com a empresa, vivenciado pelas famílias no seu cotidiano e as lutas de resistência ao desalojamento forçado de seu habitat. Buscamos ouvir e entender a voz dos homens e mulheres da beira do rio, da floresta, apreendendo suas experiências de vida com-o-rio e a dolorosa experiência de vida sem-o-rio. Identificamos ainda como se dá o processo de desconstrução da organização do trabalho, dos laços de solidariedade, do seu convívio com a água (rio/lagos) e seus costumes durante e após a construção da barragem. De forma geral, se buscou entender como em nome de um progresso ou desenvolvimento capitalista se destrói o meio ambiente, desrespeitando e esmagando os seres humanos na sua individualidade. Dentre os impactos socioculturais provocados pelo deslocamento obrigatório, está a perda de identidade coletiva decorrente da perda da propriedade rural e dos padrões de organização social, como relações de parentesco e amizade na comunidade (CERNEA, 1991:195)

Comumente se utiliza o conceito de impacto para identificar as transformações provocadas por uma grande obra como as hidrelétricas, justificando assim serem necessários para o avanço do progresso, e que são passageiras. Ou seja, serão compensadas ou mitigadas com os programas que a empresa irá desenvolver. Programas estes que são construídos nos escritórios por técnicos, sem a participação da comunidade envolvida e sem levar em consideração as peculiaridades de toda a trama social ali construída durante vários anos e, muitas vezes, num processo doloroso de perdas irreparáveis. Portanto, nem sempre um belo projeto apresentado pela empresa afirmando que irá melhorar as condições de vida da população ribeirinha é viável até porque o que é melhoria das condições de vida para a empresa poderá não ser para os ribeirinhos. Neste sentido, segundo o Movimento dos Atingidos por Barragens:

A experiência demonstra que a resolução dos problemas sociais não acontece com indenizações irrisórias, com relocações forçadas para lugares sem infra estrutura como água, saneamento básico, educação, transporte, saúde; sem condições de plantar, de pescar, de manter a renda, através de seus antigos trabalhos como a pesca profissional, as olarias e cerâmicas, o comércio...(MAB, 1999)

As informações foram obtidas por meio de entrevistas e relatos de história de vida dos ribeirinhos e a partir do meu trabalho e convivência como agente da CPT junto aos mesmos.

BILBIOGRAFIA

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. MS, *Grandes Barragens e suas alternativas na América Latina: Barragem de Porto Primavera no Rio Paraná*. Texto apresentado na Comissão Mundial de Barragens, Ago. 1999.

MANFREDI, HERNÁN CONTRERAS & VELÁSQUEZ, AMÉRICA G. CORDERO. *Ambiente, desarrollo sustentable y calidad de vida*. Caracas: Garcia e Hijo, 1994.

MELLO E SOUZA, ANTÔNIO CÂNDIDO. *Os parceiros do Rio Bonito*. 15. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

MIRANDA, J. E. KUDLAVICZ, M.; JESUS, S. A. *A Luta dos Trabalhadores Rurais em Mato Grosso do Sul (1978-1992): a participação da Comissão Pastoral da Terra*, 1994. (Mimeografado)

PROGRAMA DE CONTROLE AMBIENTAL. ENGEA/THEMAG. 1994.

REPARAÇÃO E INDENIZAÇÃO DE PERDAS SOFRIDAS PELAS POPULAÇÕES ATINGIDAS POR BARRAGENS – documento mimeografado do MAB - 12 DE AGOSTO DE 1999 – São Paulo